



O Ideário Patrimonial O идеарио

A Memória Colectiva em
Reflexão: Angola, Brasil,
Espanha, Marrocos e Portugal



O Ideário
Patrimonial
О идеарио

www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

José d' Encarnação, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património – U.C.

CONSELHO CIENTÍFICO

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem©, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN

2183-1394

Latindex folio nº 23591

ANOTADA DA ERC

REGISTADA NA INPI

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

Índice

EDITORIAL	06
Capela de Nossa Senhora do Salmo, em Viseu, e a reconstituição do epigrama que nela se lia José d'Encarnação e Jorge Adolfo de Meneses Marques	07
Las Letras de Aqueste Asiento". El enigma del Capacete de la Real Academia de la Historia Xaverio Ballester	15
¿Hacemos una Correcta Divulgación Científica en Arqueología? Vanessa Guzmán, Juan F. Gibaja, Millán Mozota, Ariadna Nieto e Silvia Valenzuela	20
Institucionalização do Património: O Caminho de Santiago Leandro Gomes	39
Memória Local, Valores Rememorativos e Preservação Eliza Furlong Antochévis e Renata Barbosa Ferrari Curval	56
A Função Cultural da Biblioteca Universitária: o caso da biblioteca António Didalelwa, Angola Teresa Almeida Patatas	65
Le Paysage Culturel de la Palmeraie de Marrakech: politiques de sauvegarde, bilans et perceptives Hicham Saddou	78
Musées à Marrakech: pour quel public? Abdelilah Lissaneddine et Zakaria Lissaneddine	95
Tourisme et construction des marges dans le centre historique, le cas des artisans de la médina de Marrakech Nour Eddine Nachouane et Aicha Knidiri	108
Um Ensaio sobre as Identidades Sociais Despedaçadas pela Modernização no Brasil dos séculos XIX e XX Luiz Antonio Pacheco Queiroz e Willian Carboni Viana	125

**A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO SALMO, EM VISEU,
E A RECONSTITUIÇÃO DO EPIGRAMA QUE NELA SE LIA**

**THE CHAPEL OF OUR LADY OF SALMO, IN VISEU,
AND THE RECONSTITUTION OF ITS EPIGRAM**

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Rua Eça de Queiroz, 89

Pampilheira

P – 2750-662 Cascais

ide@fl.uc.pt

Jorge Adolfo de Meneses Marques

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Rua Cândido dos Reis, 35, 2º esq.

P – 057-3510 Viseu

jmarques@esev.ipv.pt



A Capela de Nossa Senhora do Salmo, em Viseu, e a reconstituição do epigrama que nela se lia

José d'Encarnação

Jorge Adolfo de Meneses Marques

Historial do artigo:

Recebido a 21 de março de 2019

Revisto a 30 de abril de 2019

Aceite a 07 de maio de 2019

RESUMO

Apresenta-se a leitura completa e a contextualização arqueológica, histórica e urbanística do epigrama mandado gravar numa placa da desaparecida capela seiscentista dedicada a Nossa Senhora do Salmo, na cidade de Viseu, pelo seu proprietário, o cónego da catedral António Leitão. Da placa apenas se encontrara um fragmento; a consulta às *Memórias Paroquiais* de 1758 permitiu recuperar toda a legenda e contribuir, assim, para melhor se compreender a história e o urbanismo dessa zona antiga da cidade de Viseu.

Palavras-chave: Inscrição do século XVII; Epigrama; Capela Privada; *Memórias Paroquiais* de 1758; Viseu.

RESUMÉ

On présente la lecture complète d'une inscription, dont on n'avait trouvé qu'un petit morceau. En consultant ce qui était écrit dans un document de 1758, élaboré par le curé local suivant les ordres du Roi, après le grand tremblement de terre de 1755, on a réussi à restituer et à comprendre le texte complet. Une pièce de plus pour l'histoire de l'urbanisme de la ville de Viseu, au Portugal.

Mots-clé: Inscription du XVII siècle; Épigramme; Chapelle privée; *Memórias Paroquiais* de 1758; Viseu

ABSTRACT

On this essay is presented all the text of an inscription that a priest inserted in a temple built by him in the XVII century, at the town of Viseu, in the centre of Portugal.

Only a little fragment was discovered by the archaeologists, in 1999, and reading the notices wrote by local priest at 1758, we could recuperate all the text and, therefore, give a contribution to better know the history of the city in this time.

Key-words: XVII century's Inscription; Epigram; Private Chapel; *Memórias Paroquiais* de 1758; Viseu.

1. A inscrição

Os trabalhos arqueológicos efetuados sob a direção da empresa ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda., no edifício da Praça de D. Duarte (Viseu), nº 1 e nº 3, em 1999, permitiram identificar estruturas e materiais arqueológicos, compreendidos cronologicamente entre a Idade do Ferro (séculos III-II a. C.) e a Época Contemporânea (Carvalho e Valinho, 2001). Destacamos, de entre eles, dois fragmentos de epígrafes, de granito, que se encontravam incorporados no edifício: um na parede norte, ao nível do rés-do-chão – Epígrafe nº 1 –, e outro na parede sul, ao nível do 2º andar – Epígrafe nº 2.

Transcrevem-se os dados publicados pelos achadores:

Epígrafe nº 1: [...] ELLVM / OP [...]

Dimensões (em cm): comprimento – 52; largura – 32.

Altura das letras: 7,5 cm.

Espaços: 1 e 2: 4, 5; 3:

Epígrafe nº 2: [...] RC [...] / EV.

Dimensões (em cm): comprimento – 22.2; espessura – 35.5; espessura: 10.

Altura das letras: 8 cm.

Espaços: 1 e 2: 4,7; 3: ?

Creemos ser de interesse voltar à análise destas duas inscrições, por nos ter sido possível identificar o seu contexto.

Em primeiro lugar, assinalar-se-ão dois pormenores: na l. 2 da epígrafe nº 1 e na mesma da epígrafe nº 2, é de considerar que haveria antes mais texto, assim: [...] OP[...] e [...]EV. Aproveita-se também para indicar que, na epígrafe nº 1, o espaço 1 é de 13,5 cm.

Em segundo lugar, a pesquisa entretanto levada a cabo permite-nos afirmar que, apesar de terem sido identificadas no mesmo contexto arqueológico, as duas epígrafes devem ser atribuídas a dois monumentos distintos e não a um só, como tinha sido sugerido. Ou seja, não é verosímil que os dois fragmentos epigráficos tenham feito parte de uma só inscrição, “provavelmente seiscentista” (Carvalho e Valinho, 2001, p. 54).

Com efeito, estamos convictos de que a inscrição nº 1 (vd. **Figura 1.**) corresponde ao lado direito da placa com um epigrama que se encontrava a sobrepujar “a porta por onde se entra para a dita capella” de Nossa Senhora do Salmo (Oliveira, 2005, p. 183), de acordo com um registo da mesma, efetuado, em 1758, pelo cura da catedral viseense, Nicolau António de Figueiredo, nas *Memorias Paroquiais* (vd. **Figura 2.**).



Figura 1. Fonte: Jorge Marques

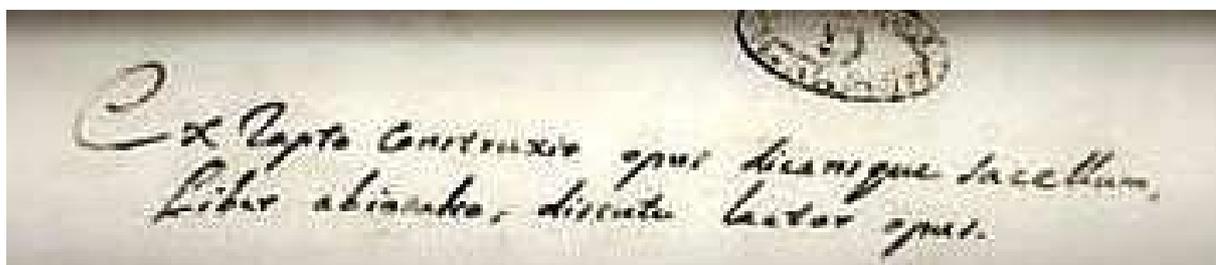


Figura 2. Fonte: Memórias Paroquiais de 1758

A inscrição nº 2 não é hoje visível no prédio; recorreremos, por isso, ao texto publicado e a uma fotografia gentilmente fornecida pela empresa ArqueoHoje; infelizmente, também essa fotografia não permite uma leitura minimamente fiável da inscrição; contudo, a conjugação de letras dela remanescentes não se adequa a nenhuma das palavras do epigrama.

Tivemos ocasião de recorrer ao saber do Prof. A. P. do Couto (comunicação pessoal, 15.09.2018), cuja pronta colaboração muito agradecemos, a fim de melhor se entender o significado do que o manuscrito do cura nos mostrava. E, em seu entender, o texto reza assim:

Ex rupto construxit opus dicansque sacellum / liber ab insulis discute lector opus.

Ora, examinando as letras que nos restam, não parece difícil inseri-las no referido dístico. Assim:

[EX RAPTO CONSTRVXIT OPVS DICANSQVE SAC]ELLVM / [LIBER AB INSVLIS DISCVTE LECTOR]
OP[VS]

Os dois LL estão acoplados e o letreiro ostenta uma paleografia nobre e de traçado clássico, digamos assim.

A. P. do Couto propôs a seguinte tradução:

Tirando das suas casas, mandou, de livre vontade, fazer esta obra e consagrou um pequeno santuário; examina a obra com atenção, ó leitor!

2. O Enquadramento Arquitetónico

O dístico elegíaco – um hexâmetro dactílico mais um falso pentâmetro, como o classificou o Professor A. P. do Couto – encontrava-se, pois, gravado sobre a porta do *pequeno santuário*. À semelhança de muitos epigramas neoclássicos colocados “em túmulos, estátuas, monumentos públicos, ou ex-votos” (Marnoto, 1997, p. 315), também o desta capela recupera a forma material de gravação lapidar que caracterizou o epigrama nas suas origens greco-latinas (Marnoto, 1997). Aliás, o bispo de Viseu D. Gonçalo Pinheiro (1552-1567) mandou gravar, em 1565, três versos hexâmetros dactílicos no lintel do chamado “pórtico do cruzeiro”, situado na alameda que dava acesso ao paço episcopal do Fontelo (Couto, 1991, p. 23).

A Capela de N^a Sr^a do Salmo, também apelidada *dos Prezos* em documentos de 1712 (1) e de 1737 (2), por estar localizada *defronte da cadeia dos presos civis*, no topo da Rua da Cadeia (atual D. Duarte) (**vd. Figura 3.**), fora mandada edificar em data incerta – provavelmente na centúria de Seiscentos – pelo *meyo cónego prebendado na Sé de Viseu*, António Leitão, como então se podia ler numa outra inscrição:

“Esta capella de Nossa Senhora do salmo mandou fazer António Leytão, cónego meyo prebendado na Sé de Viseu, e a deixou com missas à sua custa” (Oliveira, 2005, p. 183).

Tratar-se-á do mesmo cónego António Leitão sepultado no Convento de S. Francisco de Orgens, em 1637 (Gomes, 2016).

Quanto à cadeia, poder-se-á acrescentar que, no *Tombo dos Baldios da Câmara*, pode ler-se, no traslado de 1804 de um manuscrito datado de 1724, guardado na Biblioteca Municipal de Viseu, uma descrição pormenorizada da cadeia civil, então integrada no edifício da Câmara da cidade, como era habitual:

Item a dita Casa da Camara por baixo da Casa das Audiência huma Salla de Cadeia donde estão presos os homens Nobres, a qual tem de cumprido sete varas, e de largo quatro varas e tem huma grade para a Rua da Cadeia. Item mais para a banda direita a Cadeia e Casa dos presos, que tem de comprimento sete varas, e de largo coatro varas; tem esta Casa da Cadeia huma grade para as escadas que sobem para a Audiência; tem outra grade para a Praça; tem outra grade para a Rua da Cadeia. Item mais para a banda esquerda a Cadeia e Casa dos presos a qual tem huma grade para a Rua e huma fresta; e outra fresta para a quelha da Cadeia (Marques, 2013, p. 46).

3. O Texto

Voltando à epígrafe, dir-se-á que o seu texto se revela algo sibilino e a sua interpretação levanta questões pertinentes.

Retoma-se a leitura do Professor A. P. do Couto, com a liberdade de se preferir – como, de resto, logo se escreveu – *ab insulis*, em vez do estranho *abinsullo*, que Oliveira (2005) e também Capela e Matos (2010) transcreveram das *Memorias Paroquiais* (3):

Ex raptō construxit opus dicansque sacellum / liber ab insulis discute lector opus

Suscitou desde logo curiosidade a expressão inicial “*ex raptō*”, na medida em que seria anormal um cónego roubar algo e, ainda por cima, confessá-lo publicamente numa inscrição para durar. A explicação é dada pelo cura:

“É constante tradição que o dito cónego se tratava vilmente, furtando a si quanto podia de gastos só para os fazer nesta obra” (Oliveira, 2005, p. 183).

Não se tratava, portanto, de um “roubo” concreto, mas sim de uma... abstinência! Era comedido nas despesas, porque desejava empenhar o seu, ainda que parco, espólio na construção do templo: “*ex raptō construxit opus*”.

Boa escolha, a da palavra *opus*, que detém conotação de encargo, peso. Já, por outro lado, em *dicansque sacellum*, «e dedicando o pequeno templo», o uso do participio presente, a realçar o seu empenho e intervenção direta, como que deixa transparecer o suspiro de alívio que teve, ao ver a obra concluída, mormente por a ter conseguido *liber ab insulis*, expressão passível de interpretar-se «livre de construções», ou seja, isolada, como convém a um templo e como não seria fácil mesmo então, em pleno coração urbano. *Insulae* eram, no tempo dos Romanos, as construções pegadas umas às outras, em ambiente urbano, sem grandes condições de habitabilidade. O cónego, ao invés, lograra para a sua obra a dignidade pretendida!

A interpelação final – *discute lector opus* – é deveras sugestiva e constituiu o corolário do esforço despendido. Diz como, tão a custo, levou a bom termo o seu objetivo, ficou contente com o resultado obtido e, por isso, não hesita em dialogar com o passante que o ler, perguntando-lhe a opinião, na esperança de que não serão parcos os elogios! A expressão *discute lector* era corrente na época, uma vez que a encontramos por diversas vezes; por exemplo, num livro de teses teológicas (“proposições”), emanado de membros da Companhia de Jesus, publicado em Bratislava no ano de 1717. A proposição XL (de um grupo de três, a XL, a XLI e a XLII) abre com esta frase:

“Ne falso videatur exposita propositio antecedens discute lector verba et sensum praesentium trium propositionum”.

“Para que não se considere falsa a proposição antecedente, atenta, leitor, nas palavras e no sentido das três presentes proposições”.

Discute lector: no caso de Viseu, um convite ao transeunte para que ajuíze a obra pia realizada. É também nesse sentido que vai o texto de Bratislava, apesar de num contexto diferente.

A aplicação da frase na epígrafe resulta, por conseguinte, bem significativa e compreende-se porque é que o cónego António Leitão não hesitou em a mandar escrever.

Em suma:

Insignificante à primeira vista, o fragmento com apenas sete letras, distribuídas por duas linhas, acabou por trazer nova luz à história urbanística da cidade de Viseu (vd. **Figura 3.**).

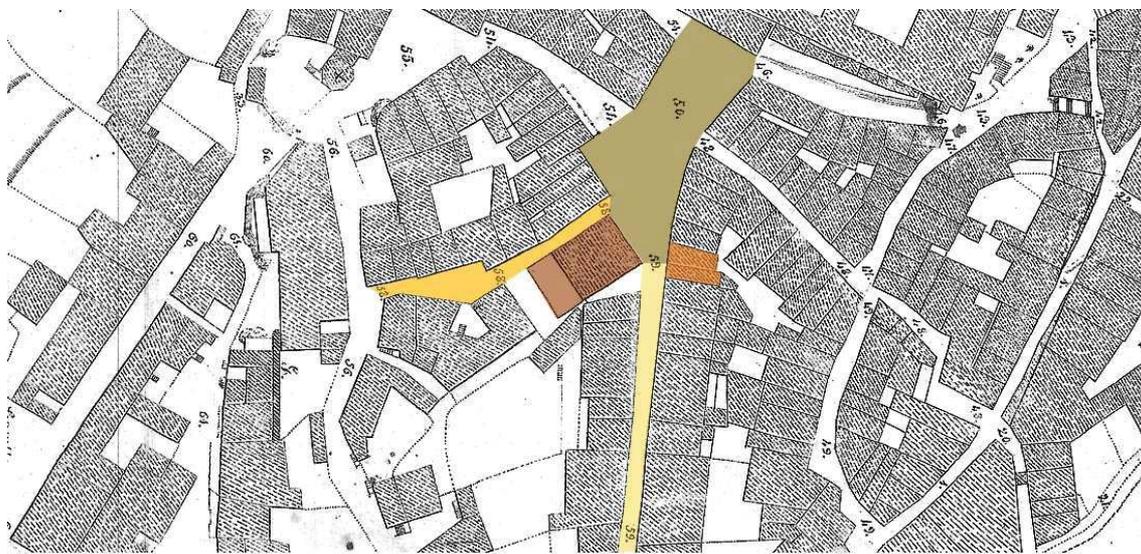


Figura 2: pormenor da planta de Viseu de 1864.

- Capela de Nossa Senhora do Salmo
- Edifício da Câmara Municipal
- Rua da Cadeia (atual D. Duarte)
- Praça
- Travessa do Chão do Mestre

Figura 3. Fonte: Planta Topographica da Cidade de Viseu de 1864

Confirmou-se que estava quase certo o prior que, respondendo ao inquérito lançado pelo Marquês de Pombal após o terramoto, deu conta da inscrição que estava sobre a porta do templo em honra de Nossa Senhora do Salmo.

Em segundo lugar – e é este, porventura, o mais confortante resultado da pesquisa efetuada – foi possível mostrar que o mais modesto pedaço de pedra com letras encerra em si um pedaço de história por contar. Ao epigrafista, a suprema alegria de a descobrir!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Aires P. do Couto e à Prof^a. Helena Toipa a colaboração dada para este estudo.

NOTAS

(1) Castilho (2012) refere-se assim às confrontações de um prédio na Rua da Cadeia: a norte, estava a “Capela dos Presos” (Castilho, 2010, p. 20-21).

(2) Mais uma alusão retirada de Castilho (2012): uma casa na Rua da Cadeia tinha “huma jenella para a banda da capella dos Prezos também de cantaria” (Castilho, 2012, p. 21).

(3) Oliveira (2005), Capela e Matos (2010), onde se reproduzem as respostas dadas pelo cura de Viseu, reverendo Padre António Figueiredo.

FONTES MANUSCRITAS

Memórias Paroquiais: PT/TT – MPRQ – Vol. 43, nº 515.

Arquivo Municipal de Viseu: "Planta Topographica de Vizeu mandada levantar pela municipalidade de 1864".

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Capela, J. V.; Matos, H. (2010). *As freguesias da Diocese de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: José Viriato Capela.

Carvalho, P. S.; Valinho, A. T. S. (2001). Arqueologia urbana em Viseu. Primeiros resultados. *Conimbriga*, 40, p. 37-64.

Couto, A. P. (1991). *Fontelo – Subsídios para a sua História*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.

Gomes, S. A. (2016). O clero regular. In J. P. Paiva (coord.), *História da Diocese de Viseu* (Vol. 2, p. 296-315). Viseu: Diocese de Viseu; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Marnoto, R. (1997). Epigrama. In J. A. Bernardes, A. P. Castro, M. L. Ferraz, G. C. Melo e M. A. Ribeiro (dir.), *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (p. 315-317). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.

Marques, J. A. M. (2013). *Forais Manuelinos de Viseu*. Viseu: Edições Esgotadas.

Oliveira, J. N. (2005). *Notícias e Memoriais Paroquiais Setecentistas. 1. Viseu*. Viseu: Palimage.

Propositiones Quesnelli Cl à S. D. N. Clemente Papa XI [...]. (1717). Wratislavia.

DOCUMENTO ELETRÓNICO

Castilho, L. (2012). *A cidade de Viseu nos séculos XVII e XVIII Arquitetura e Urbanismo* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal). Disponível em [www:<URL: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67328/2/000198671.pdf>](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67328/2/000198671.pdf).